

O CAVALO SERTANEJO DO NORDESTE

OCTAVIO DOMINGUES

Escola Nacional de Agronomia
Universidade Rural — Rio de Janeiro

Uma das formas de expressão da cultura de um povo, e também de sua capacidade de iniciativa e de domínio sobre a natureza — são as raças nativas de animais domésticos, que esse povo conseguiu isolar da população animal, que explora, ou então a adaptação e melhoramento de raças alienígenas, importadas com o fim de povoar seus campos e produzir alimentos e matéria prima para a indústria.

Somente os povos muito atrasados, parados no seu evoluir, é que não dispõem de raças de gado melhoradas — importadas ou nativas.

Dentro do Brasil mesmo, é possível verificar-se essa diferenciação cultural, tendo por base esse índice de aferição. As raças alienígenas melhoradas, mais ou menos aclimadas, onde é que se acham? Onde se deparam raças nativas isoladas em processo de depuração e melhoramento?

Sabemos todos que no Rio Grande do Sul, em São Paulo e Minas Gerais. Fora daí, considerando-se, como é óbvio, somente os Estados de significativa expressão pecuária — apenas encontramos ensaio de realização dessa natureza, mas não os frutos dessas realizações mesmas.

E a observação é tanto mais desagradável quanto mais considerarmos que existem, em várias regiões do Brasil, raças nativas de animais domésticos a respeitar e salvar da destruição, provocada pelo chamado "cruzamento desordenado", pelo qual se tem demonstrado uma grande predileção por motivos muito fáceis de avaliar.

E' no Rio Grande do Sul que temos raças melhoradas de bovinos, ovinos e suínos, e uma raça equina nativa das mais

notáveis — o cavalo Crioulo. E' em S. Paulo que deparamos também com as raças melhoradas de bovinos, zebuínos e suínos, e ainda raças nativas como a Caracu, a Mangalarga, os suínos Pereira, Piau, Tatu, Nilo-Canastra. E' em Minas Gerais que encontramos raças zebuínas melhoradas, o Cavalo Mangalarga e Campolina, o jumento Pêga e os porcos Canastrão, Canastra, Piau, Pirapitinga.

No entanto há, em outros Estados, de criatório desenvolvido, elementos para a constituição de raças nativas, que continuam a espera do melhorista. E já que estamos no setor de Equinocultura, devemos citar, como uma dessas raças, preferencialmente, o cavalo Nordesteño ou cavalo de Campo do Nordeste, ou ainda cavalo Sertanejo.

Quem primeiro chamou a atenção para essa forma de equinos foi LANDULFO ALVES, em sua conferência realizada em Recife (1935), na qual recomendava sua seleção, o que êle mesmo teve oportunidade de determinar como diretor do D.N.P.A., iniciando-se assim, em Sobral, a criação de um núcleo de cavalos Nordesteños, em 1936.

Mas quem, realmente, anteviu a necessidade de promover-se a seleção do cavalo sertanejo, como um imperativo das circunstâncias, foi o prof. ATHANASSOF, dez anos antes, na sua famosa viagem a Pernambuco, da qual surgiu seu trabalho "Indústria Pastoril em Pernambuco", verdadeira obra clássica, hoje, de estudos da pecuária nordestina. Nesse trabalho, escrito em 1927, mas só publicado em 1929, depara-se a recomendação de que o caminho da seleção é o mais indicado para o melhoramento do cavalo sertanejo.

"Seu melhoramento — escreveu êle — pela seleção nas condições atuais, deve visar o aumento do seu tamanho, o aperfeiçoamento de suas formas e seus aprumos, bem como a uniformização da pelagem, enfim do tipo. Apesar da sua morosidade, a seleção talvez seja o método de reprodução que melhores resultados daria. Este método todavia não exclui o cruzamento, tendo-se sempre em vista a natureza do solo, o clima e os recursos forrageiros da zona".

E noutro passo, suas palavras são as seguintes: "O melhoramento do cavalo nacional far-se-á, a princípio, por seleção particularmente no sertão".

Como ficou dito, LANDULFO ALVES, quando diretor geral do D.N.P.A. pôde criar um Posto de Seleção, em Sobral,

em 1936, não apenas para o cavalo Nordestino, mas também para o gado Curraleiro.

A seleção do cavalo Nordestino arrastou-se até nossos dias. Mas muito poucos recursos foram dados para desenvolvimento do plano inicial. E em umas das minhas viagens ao Nordeste tive oportunidade de ver, no Ceará o remanescente desse núcleo de seleção, transferido para a Fazenda Iracema, no sertão de Quixeramobim, sob a orientação da Inspetoria de Fomento Animal. Conforme fui informado, esse remanescente foi entregue ao cruzamento, cruzamento com um reprodutor Árabe

Na verdade, o nosso cavalo, consoante a opinião dos zootecnistas, descende de cavalos da península ibérica, onde houve mistura do sangue Árabe com o Barbe (*). Considerando-se que os cavalos ibéricos podem ser distribuídos em três tipos étnicos, e um deles é o cavalo Luso-Galego, na sua maioria de côr castanha, descendente do Árabe do Yemen; e como no Nordestino se procura a pelagem castanha, segue-se que uma introdução de sangue Árabe é recomendável, num plano de cruzamento, como se vê indicado pelo prof. ATHANASSOF, quando diz: "Das raças exóticas, para cruzamento, nenhum cavalo é tão próximo ao cavalo nacional quanto o Árabe e Barbe".

Mas, se não é possível contestar a escolha do Árabe para o cruzamento, é possível contestar o cruzamento mesmo, nas circunstâncias, atuais. Sim, porque desconhece-se a argumentação que levou a abandonar-se a seleção e enveredar pelo cruzamento. Mesmo a determinação de alterar-se o programa que vem desde 1936, a meu ver, não se sabe de onde ela partiu, e não há motivos para supor-se que tenha surgido de uma conversa à porteira do curral.

O cruzamento é sempre e tem sido um meio a que se recorreu no Brasil, com frequência para melhorar nossos gados, na convicção de seus efeitos milagrosos. E o resultado dessa quase mania cruzamentista tem sido nenhum, salvo quando sua aplicação merecia de fato as preferências: povoamento dos campos melhores e de clima mais ameno, do Rio Grande do Sul a Minas Gerais e Estado do Rio.

No Nordeste sabemos quantas dezenas de reprodutores foram importados, e o sinal de sua passagem por ali não ficou.

(*) — Barbe e não Barbo. Pela razão muito simples: diz-se Árabe e não Árabo.

Procurar-se-á debalde. No caso dos equinos, então, nenhum proveito se aponta. O homem do sertão continua auxiliando-se de seus cavalinhos nativos, como Deus é servido. Os Puro-sangues, os Anglo-Árabes, os Árabes que por ali relincharam atrás de gineceus onde depositar seu sêmen, nada realizaram no melhoramento da crioulada. Foi dinheiro gasto e tempo perdido. Ora, é para lamentar-se que não se tenha prosseguido na seleção empreendida em Sobral.

Não se tenha prosseguido e desenvolvido mesmo aquele núcleo de seleção, com os recursos hoje maiores e de aplicação mais fácil. E' para lamentar-se profundamente, que se tenha voltado a panacea dos apressados — o cruzamento, que mais vêzes tem agido como fogo de artifício.

O cavalo de campo sertanejo deve ser melhorado por seleção. Essa a opinião de todos os estudiosos da questão. Por seleção, primeiro, e depois por cruzamento.

O que se poderia modificar era o plano dessa seleção mesma, ampliando-o e dando-lhe mais elementos de êxito, o que não teve por muito tempo. Quero dizer, deve-se modificar o padrão quanto à pelagem, de modo a se poder escolher maior número de exemplares a multiplicar, por seleção, e oferecer a êsse plano os recursos financeiros de que carece (**).

O que se deveria cuidar também era promover o aperfeiçoamento da "técnica de custeio" (trato e alimentação). O trato e a alimentação dos animais é que precisam merecer mais atenção a fim de que a seleção (e mesmo o cruzamento) possa dar os resultados que dela se esperam. Sem alterar as condições de criação será muito difícil, senão impossível, que os métodos de reprodução apresentem vantagem.

O problema forrageiro, e dentro dêle o da fenação, deve ser cuidado por primeiro, num plano de melhoramento, muito antes de se importarem reprodutores. Para a expressão das boas qualidades em potencial nos gens, nem é preciso estar eu aqui a lembrar, faz-se mister a colaboração das condições ambientes, por isso que: *Fenótipo = Genótipo + Ambiente*.

(**) E isto já foi feito pela Comissão de Preservação e Seleção das raças nativas do Nordeste, em cujo relatório consta novo padrão para o Cavalo Nordestino.